



A velha Petrolândia já está pronta, material e espiritualmente, para sumir do mapa de Pernambuco



Cena comum em Petrolândia: caminhões conduzindo mudanças das pessoas que vão deixar a cidade

# Petrolândia espera a hora de sumir

Vandek Santiago

## PETROLÂNDIA

Faltam poucos dias para este município, a 430 km do Recife, localizado no Sertão do Submédio São Francisco, desaparecer sob as águas da barragem de Itaparica e tornar-se apenas uma imagem esculpida no coração de seus habitantes. O cronograma da Chesf, implacável, já marcou a data para o acontecimento: 3 de março. Até lá as águas irão rolar sobre o povoado de Ico, onde o velho Luiz Florencio de Souza passava o dia cuidando dos quatro filhos menores e da criação de galinhas, pastando pela rua Cachoeirinha, onde Dona Josefina Santana gostava de ficar na janela enquanto não chegava a hora de preparar o jantar, atirando a erva, onde o padre, de linha conservadora, alertava para os perigos da carne; desemborçava no bairro Jardim do Amor, onde o garoto José Francisco de Assis sempre jogava bola ao fim da tarde, e finalmente engolfaria toda a área daqui, submergindo os sonhos, as trações, as queixas, os medos, as incompreensões, os amores, as alegrias, as dores e as angústias que povoaram a vida deste município de 139 anos de fundação.

É verdade que a 15

quilômetros daqui já existe outra cidade, a Nova Petrolândia, construída para abrigar as pessoas transferidas, mas não é a mesma coisa. Que o diga D. Doroteia Medeiros, uma anciã de 75 anos, lá do Ico, que ao ver o caminhão parar na porta, a fim de levar sua mudança para o novo município, desmaiou e agora não dorme nem se alimenta mais como antes. Ou então Terezinha Martins, 57 anos, que todas as noites chora, pensando na sua antiga casa e nos vizinhos. "Principalmente de Dona mais Nogueira". Segundo ela, "a gente lá sentindo do mesmo jeito como se uma pessoa de nossa casa tivesse morrido". Outros que têm queixas é Luiz Gonzaga da Silva, 65 anos. "Esta mudança acabou comigo", reclama a ele, "eu queria era morrer na minha casa". Luiz morava na zona rural e agora está com uma casa na cidade de Nova Petrolândia. "Eu sou um homem do trabalho, de pelear com bichos. Agora não sei onde bota meu gado, minhas vaquinhas, minhas cabecinhas de bode". Todos reclamam também dos nomes das ruas. Antes eles moravam em locais tipo Rua Caçaria, bairro Jardim do Amor, e agora estão numa quadra 96, lote 10. "Vote, eu ainda nem decorei como é o nome da minha", torna Luiz.



Aqui, a Nova Petrolândia, a 15 quilômetros da velha. Já está mais habitada do que a antiga e será maior



Maria Anita: preocupação maior é com bichos



Terezinha chora toda noite com saudade

"O que nos preocupa é nossa reassentamento. Pasto para nossas cabras. Capim para nossos jumentos. Sem terra, pasto e capim. Se acaba nosso sustento".

Os casos dramáticos provocados pelas obras da barragem e pela mudança circulam de boca em boca. Em alguns, não se sabe onde começa a realidade e termina a fantasia. Há pessoas que garantem ter visto fantasmas de antepassados chorando na casa abandonada. Outros juram que, às vésperas de mudança, ouviram gemidos. Maria Helita Ramalho Leal, do Sindicato de Petrolândia, traz à tona outra curiosidade: na transferência de uma cidade para outra, uma escola, a Jatoba, desapareceu. Ninguém sabe onde está. "A construtora diz que construiu, mas no local que era pra ela está não está", informa. O caso ficou conhecido na cidade como da "escola fantasma".

Mas há também aqueles casos sangrentos e comprovados. Um deles aconteceu com Lenira Alves, a "Lenira de Bele". Ela estava separada do marido Ze de Abílio, quando este recebeu a indenização. A esta altura, Ze de Abílio já vivia com outra mulher e recusou-se a dividir o dinheiro com a ex-esposa. Lenira foi à Justiça e ganhou a causa. Poucos dias depois, ele foi à festa de formatura da filha, onde reencontrou Lenira. De lá os dois voltaram juntos para casa, onde o marido matou com três tiros de revólver.

História envolvendo indenizações e sangue são contadas aos montes por aqui. Há o mandado de detenção a mulher, a mulher que mandou matar o marido com espingarda 12, os casais que durante anos viveram juntos mas que, ao receberem o dinheiro, tornaram-se inimigos de sangue e fogo e por aí vai. Corroando todos, vem o mais amargo, onde a violência é substituída pelo terrorismo: muitas das pessoas que sempre moraram nas proximidades do Rio São Francisco, ao se mudarem para a nova moradia, fazem questão de ir lá, como numa romaria, onde acenando as mãos e não raras vezes chorando — despedem-se do "velho Chico".

"Depois da gente dar graças A Deus e a Nossa Senhora Ai falamos pra o povo Minha gente vamos embora".

Os versos transcritos fazem parte de um folheto escrito por Luiz Gonzaga da Silva, presidente do Sindicato Rural de Floresta, sobre a luta na barragem.

## Mais três cidades vão desaparecer sob a água

Além de Petrolândia as águas da barragem de Itaparica também irão cobrir as cidades de Itacuruba (em Pernambuco), Rodelas e Barra do Tarrachil (povoado do município de Chorocho), ambas na Bahia. Para todas elas foram construídas novas sedes. As águas também atingirão partes dos municípios de Floresta e Belém do São Francisco em Pernambuco, e Glória, na Bahia. Quando estiver em funcionamento, a hidroelétrica representará um acréscimo de 38% no potencial energético da região. O presidente da Chesf, José Carlos Aleluia, exemplifica com o fato de que, se Itaparica já estiver em atividade no ano passado, o racionamento teria sido evitado.

Para as famílias que moravam nas zonas rurais, a Chesf construiu 118 agrovilas, dotadas de energia elétrica e água potável. Na opinião de Celso Sousa, advogado da Fetape na região, pelo menos 60% das pessoas transferidas — incluindo tanto as urbanas quanto as rurais — a mudança foi vantajosa. Gente que morava em barracos foi para casas de alvenaria. Meeiros e arrendatários tornaram-se proprietários de pequenos lotes.

Os elogios, no entanto, param aí, advertem os sindicatos rurais da Região. De início, os sindicalistas fazem questão de ressaltar que todos os benefícios recebidos foram fruto da pressão que os trabalhadores exerceram sobre a Chesf. "No começo, ela não queria ouvir nossas reivindicações", dizem.

Quanto às transferências contidas, os camponeses dizem que, devido a pressa, a Companhia estaria criando uma verdadeira evasão.

## Na Nova Petrolândia o clima é só de festas

Enquanto a Velha agenciava a Nova Petrolândia vive um clima de efervescência, jamais visto pelas suas habitantes. Caminhões circulam de um lado para outro, todos os dias chegam famílias, casas estão sendo construídas, o comércio mostra-se ativo. A população quase duplicou, em relação à antiga. Há muita gente de fora e já se conta com um componente típico das grandes cidades: uma favela, com barracos idênticos aos que existem no Recife. Neles moram as pessoas que vieram trabalhar na barragem, concluíram os serviços e agora não têm onde se abrigar.

Alguns problemas já começam a aparecer. Assaltos já ocorreram numa frequência bastante superior à da antiga Petrolândia. "É o sacramento está estourando", atemoriza-se Maria Helena Ramalho, do Sindicato de Petrolândia, acusando a firma que fez o sistema de ter empregado o material mais frágil e mais barato. Por enquanto, também ainda não existe médico no lugar e nem os telefones estão instalados.

Um detalhe, comum a todos os municípios da região: Os preços dos gêneros alimentícios estão caríssimos. Isto porque nos últimos seis meses, não houve produção agrícola na área, em virtude das obras. "Aqui tá tudo pelo olho da casa: um quilo de farinha é Cr\$ 70, um de feijão Cr\$ 80 e um quilo de carne de boi Cr\$ 200", espanta-se Luiz Gonzaga.

## Transferência deixa um rastro de lutas

A transferência que de Souza, diretor do Sindicato de Petrolândia. Esta luta provocou prisões de manifestantes, CPI no Congresso Nacional, teses de Meadrado e até um vídeo, feito pela TV Viva, recentemente premiado em Cuba.

O principal momento da batalha ocorreu em 86, quando, revoltados com a falta de resposta da Chesf às suas reivindicações, os camponeses ocuparam o canteiro de obras da barragem e paralisaram os serviços de 1º a 31 de dezembro.



O momento mais difícil é o da retirada dos móveis. Muitas famílias deixam a casa com muita relutância



Luiz Gonzaga: "Mudança acabou comigo"